

Na Antiguidade mitos e lendas eram recorrentes de modo que se necessitou tempo para decodificá-los. Eram formas de explicar a realidade e os fenômenos desconhecidos ou incompreendidos pelo ser humano. De caráter simbólico-imagético, procuravam demonstrar, por meio da ação e do modo de ser dos personagens, a origem das coisas.

**Elaine Conte
Daniel Felipe Jacobi
Adilson Cristiano Habowski**

“Cisne negro”: metamorfoses constituidoras do aprender

Black swan: metamorphosis constituents of learning

ELAINE CONTE*

DANIEL FELIPE JACOBI**

ADILSON CRISTIANO HABOWSKI***

Resumo

O presente estudo analisa a obra cinematográfica “Cisne negro” em sua linguagem simbólica, que nos traz concepções estéticas e visões de mundo, de cultura, de ser humano, bem como questões que nos levam a pensar na inter-relação entre o caos e a força cósmica, possibilitando aprender a partir de nossas limitações e deficiências. Trata-se de uma abordagem hermenêutica que interpreta e compreende o conjunto do filme em suas contradições como uma possibilidade de estabelecer um contraponto entre o cosmos e o caos. Nesse sentido, apresentamos questões subjacentes ao filme que refletem alguns problemas projetados na contemporaneidade e na própria metamorfose do aprender, que vão desde o sacrifício das pessoas em função de um modelo ou um padrão desumano de perfeição, até o extremo da destruição e estranhamento de si pela constituição humana imperfeita e inacabada, o que pressupõe a necessidade de uma aprendizagem evolutiva e solidária.

Palavras-chave: Cisne negro. Caos. Cosmos. Metamorfose do aprender.

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professora pesquisadora no curso de Mestrado e Doutorado da Universidade La Salle Canoas, RS; Líder do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/UNILASALLE/CNPq. Email: elaineconte@yahoo.com.br

** Licenciado em Teologia pela Universidade La Salle, Canoas/RS. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, FAPERGS – PROBIC. Integrante do grupo de pesquisa NETE/CNPq. Email: danieljacobi@hotmail.com

*** Graduado em Teologia pela Universidade La Salle Canoas. Integrante do grupo de pesquisa NETE/CNPq e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, FAPERGS. Email: adilsonhabowski@hotmail.com

Abstract

This study analyzes the cinematographic work *Black Swan* in its symbolic language, which brings us aesthetic concepts and views of the world, culture, human being, as well as, questions that lead us to think about the inter-relationship between chaos and cosmic force, making possible to learn from our limitations and disabilities. It is a hermeneutical approach that interprets and understands the whole movie in its contradictions as a possibility to establish a counterpoint between the cosmos and chaos. In this way, we present issues underlying the movie that reflect some problems designed in the contemporaneity and in the own metamorphosis of learning, going from the sacrifice of people because of a model or an inhuman standard of perfection, to the point of destruction and strangeness of the self by imperfect and unfinished human constitution, which implies the need of a progressive and supportive learning.

Keywords: Black swan. Chaos. Cosmos. Metamorphosis of learning.

Introdução

*"Adoramos a perfeição, porque não a podemos ter;
repugná-la-íamos, se a tivéssemos.*

*O perfeito é desumano, porque o humano é
imperfeito" (PESSOA, 1982, p. 287).*

Continuamente, o ser humano está ressignificando sua vida a partir da realidade e das diferentes expressões de mundos. Assim, analisamos a obra cinematográfica "*Cisne negro*" (2012)¹, inspirada na composição de Tchaikovsky, para compreender o protagonismo, criação e a expressão dos personagens, que superam a ingenuidade e a dependência para dar início a transformações e a descobertas da condição humana. Dessa forma, o filme traz em sua história alguns pontos de relevância em sua conjuntura artística que precisam ser debatidos e (re) pensados em relação ao aprender na vida em sociedade. Na cinematografia, diante da busca do ser perfeito, o sujeito (personagem Nina) submete-se a uma exigência desumana, que o leva a perda das características humanas de ser em obra, imperfeito, inacabado e falível. Diante desses pressupostos existenciais nasce a problemática da pesquisa: qual é a relação entre a ruptura do cisne branco para o cisne negro

¹ O termo "*Cisne negro*" revela uma tendência contra-hegemônica (descontentamento em relação à vida) e, ao mesmo tempo, um sentido de rebeldia e risco, que pode conduzir à escuridão, à morte infeliz, trazendo apologias de um mundo obscuro e caótico da condição humana. A arte cinematográfica não é o caos, mas luta com o caos para torná-lo sensível através dos personagens e das diversas formas de comunicação, estabelecendo relações. O filme surgiu com a associação da trama do balé "*O lago dos cisnes*" e da novela "*O duplo*" (2011), de Fiódor Dostoiévski (1846). Filme: "*Cisne negro*" (**Black Swan**). Direção: Darren Aronofsky. Elenco: Natalie Portman, Mila Kunis, Vicent Cassel. Música: Tchaikovsky. Ano: 2010. (107 min.). Baseado no balé "*Lago dos cisnes*".

com a transição e rompimento humano do mundo caótico para o mundo do cosmos²?

Na busca de possíveis respostas, vemos com a representação do cisne a ambivalência de um ser humano que pode ser tanto dependente quanto independente e perspicaz em busca de novas aprendizagens. Para desenvolver essa problemática, o estudo se divide em três capítulos. Em primeira instância, identifica-se a composição artística do balé dramático, “O lago dos cisnes”. Na sequência, constata os elementos psicológicos que ficam evidenciados do balé de Tchaikovsky ao filme “Cisne negro”, na tentativa de destacar as semelhanças simbólicas que transparecem à sucessão do movimento do caos ao cosmos. Por fim, analisamos a linguagem do filme como desencadeadora de reflexões sobre o processo de desacomodação, recriação e de tensão que cada sujeito é submetido, como uma forma de metamorfoses constituidoras do aprender.

“O lago dos cisnes”: da obra clássica à cinematografia

Na Antiguidade mitos e lendas eram recorrentes de modo que se necessitou tempo para decodificá-los. Eram formas de explicar a realidade e os fenômenos desconhecidos ou incompreendidos pelo ser humano. De caráter simbólico-imagético, procuravam demonstrar, por meio da ação e do modo de ser dos personagens, a origem das coisas, estando sujeitos, muitas vezes, a certas modificações. O enredo de “O Lago dos Cisnes” gira em torno da história de uma moça que é transformada em um cisne e fica aprisionada até o momento em que um verdadeiro amor irá libertá-la. Tal versão serviu de inspiração para o russo Pyotr Ilyich Tchaikovsky³ na elaboração de uma de suas principais composições.

“O lago dos cisnes” traz a história do príncipe Siegfried, que se apaixona por Odette, uma princesa presa em corpo de cisne. A jovem, que fora enfeitiçada pelo bruxo Rothbart, é destinada a permanecer como ave até ser resgatada por um homem que lhe jure amor eterno. Na véspera de completar seus vinte e um anos, Siegfried vê Odette no lago e, encantado com sua beleza, a convida para a festa de seu aniversário. No entanto, quem aparece no baile é o feiticeiro, como o cavaleiro do cisne negro. Rothbart está

² Cosmos (caosmos) pode ser entendido como um caos composto (imprevisto) ou uma ordem para enfrentar e lutar contra o caos (ação estranha, variável, notadamente turbulenta e de efeitos flutuantes como abismos indiferenciados). Por isso, é preciso traçar planos de referência (preconcebidos e com intencionalidades pedagógicas) para nos proteger do próprio caos e da contradição humana.

³ Piotr Ilyich Tchaikovsky foi um autor de grande consideração, mas teve sua carreira conturbada pelas escolhas pessoais que fez devido ao fato de ter uma orientação homossexual e em relação ao martírio por sua relação incestuosa com um de seus sobrinhos. Ante a isso, a obra “O lago dos cisnes” é um balé dramático dirigido em quatro atos que retrata conflitos íntimos que fazem parte da complexidade própria de todo e qualquer ser humano.

acompanhado de sua filha Odille, transformada em Odette. O príncipe nota que a doce moça, nesta noite, encontra-se inquieta e caprichosa, mas não desconfia de nada. Então, faz juras de amor à Odille. Ao descobrir a farsa, Siegfried segue para o lago, onde encontra Odette rodeada pelas outras aves-moças. Pede perdão à jovem e proclama-lhe seu amor. De repente, o casal é surpreendido por Rothbart, que provoca uma tempestade no lago. O encanto de Rothbart se desfaz, mas os dois desaparecem sob as águas. (CARVALHO, 2012, p. 3)

Em resumo, o filme narra a trama de uma jovem bailarina cujo nome é Nina (Natalie Portman) que, após ter tido um sonho de estar dançando o prólogo do “O lago dos cisnes”, descobre que a companhia abre uma nova temporada deste espetáculo. A fim de dar uma interpretação perfeita ao personagem, deseja fazê-lo, porém não alcança a culminância exigida. Thomas (Vicent Cassel), o coreógrafo e dono da companhia, busca uma bailarina que performe com excelência uma mistura entre o cisne branco (simbolizando inocência angelical) e o cisne negro (malícia e sensualidade). Tendo em vista que essa nova temporada buscava um novo perfil de bailarina que substituísse a anterior, Nina recebe a função, sendo reconhecida também pelas suas capacidades estético-expressivas.

Nesse contexto, surge o universo caótico da personagem enquanto um momento em que entram em conflito a perfeição e a desordem (dimensões intrínsecas do próprio ser em obra, espontaneamente delineado), o real e o ilusório, pois a grande rival de Nina se encontra em si mesma. Ao buscar a emancipação e almejar a libertação em si do cisne negro, Nina dá-se conta de sua condição humana (imperfeita). Diversos conflitos com sua mãe emergem dessa crise, passando por delírios e por sintomas de automutilação, enclausuramento e ausência de autorrespeito. Para Duarte (2012, p. 2), “o filme se projeta para além” e, nesse sentido,

“Cisne negro”, enquanto obra de arte, pode facilmente passar pelo crivo de uma análise mais crítica e profunda por um estudo metuculoso tanto psicológico quanto semiológico, e se sustenta com méritos. Ainda como obra referencial, abre caminho para as diferentes interpretações, retomadas, pontos de divergência, tal qual se consegue na releitura de um Dostoievski, de Freud, de Mozart ou de um Michelangelo.

Esta narrativa transcende a história de uma bailarina que deseja ser reconhecida e atingir suas metas. Nela, apresenta-se o processo de desenvolvimento e de autonomia, como expressões da arte em Apolíneo e Dionisíaco, retratando a guerra pessoal (caos), que leva à destruição do corpo e do espírito. Em Nina, esse conflito é claramente representado, pois passa por transformações para conseguir a liberdade. Essa mudança,

mesmo violenta, se faz necessária para que ela possa construir sua própria identidade. Portanto,

Nina é o exemplo perfeito da guerra entre Apolo e Dionísio, guerra esta que dilacera o corpo e o espírito: por um lado, é obsessiva com a performance a ponto de violentar-se, por outro coça-se compulsivamente. É significativo, nesse sentido, que o primeiro indício da transformação de Nina em cisne negro seja uma ferida que se abre devido ao ato compulsivo de coçar. Na medida em que a transformação evolui, observa-se que esta primeira ferida era já o início da abertura pela qual as asas do cisne negro desabrochariam. Ou seja, a coceira compulsiva revela insidiosamente um Dionísio acuado que se fortalece aos poucos. (PORTUGAL; SALGADO; BECCARI, 2014, p. 25)

Há, no decorrer da trama, a cena em que o cisne negro começa a apresentar-se a cada instante mais vivaz, tornando-se parte do corpo e da mente de Nina, desde as opções pelas vestimentas até seus posicionamentos e atitudes ante aos fatos que ocorrem. Todo esse processo de transformação do ser compara-se analogicamente aos personagens do universo bíblico, como observamos no entendimento de Carvalho (2012, p. 11):

[...] mesmo que estejam situados em contextos narrativos diversos, Eva e Nina enfrentam o mesmo desafio. A tarefa de Eva é convencer Adão a comer o fruto proibido; a de Nina é convencer o diretor do balé de que tem competência para representar a faceta sedutora e maliciosa do cisne negro. Eva, assim como Nina, pode ser descrita como uma personagem que transita entre a ingenuidade e a malícia. A figura da serpente poderia ser transposta para a do diretor do balé que, a todo o momento, deseja despertar em Nina o seu lado mais sensual até mesmo apelando para a questão da sua sexualidade.

Na busca pela perfeição, Nina, ao apresentar-se, já não consegue mais ser o cisne branco, pois vislumbrou o contraditório e abriu as portas ao cisne negro, que toma conta do seu ser e a faz vivenciar, aprender e sentir o seu personagem de forma diferente. É, na fusão da ficção com o real, do caos e do cosmos, que Nina chega à perfeição que tanto buscou, encarnando o personagem cisne negro com uma extrema energia que a leva à morte. Para tal feito, considera-se a linguagem cinematográfica, interpretando-a a partir de dois grandes referenciais. Conforme esclarece Eliade (1992, p. 21), “o primeiro é o mundo, mais precisamente, o nosso mundo, o Cosmos. O restante já não é um Cosmos, mas uma espécie de outro mundo, um espaço estrangeiro, caótico, povoado de espectros, demônios, estranhos”. Essa apreciação está no fato de que as ideias de cosmos e de caos podem ser relacionadas com nossas próprias experiências pessoais, sendo o cosmos o espaço organizado de nossas aprendizagens familiares e por nós conhecido

e o caos o desorganizado, aquilo que parece estranho, desconhecido e nos interpela (simbolizado pelo outro da formação).

Para essa análise, adotamos como fio condutor a abordagem hermenêutica, que está voltada para a compreensão de sentidos e a interpretação de diferentes (con)textos e linguagens presentes no mundo da vida. Habermas (1994, p. 222) afirma que:

A compreensão hermenêutica se endereça por sua mesma estrutura a garantir, dentro das tradições culturais, a autocompreensão possível dos indivíduos e dos grupos, que oriente a ação, e uma compreensão recíproca entre os indivíduos e os grupos com tradições culturais distintas.

Com essa análise, buscamos o entendimento do filme na sua abrangência de sentidos, pois consiste “em estabelecer elos entre esses elementos isolados, em compreender como eles se associam e se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significativo: reconstruir o filme ou o fragmento” (VANOYE; GOLLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 15). Nessa perspectiva, propomos uma reconstrução de sentido a partir de trechos do filme como possibilidade de elaborar novos movimentos reflexivos para recriação dessa composição artística, no sentido de tornar a própria vida uma obra, representando algo inerente à própria formação e aprendizagem humana. São nessas transições e tensões de movimento instáveis, de uma espiral que avança e retrocede, como uma forma de pensamento em ação, na ideia da metamorfose do aprender, que nos constituímos seres humanos e protagonistas de nossas próprias vidas.

Ao estabelecer uma relação intertextual com o balé “O lago dos cisnes”, o filme “Cisne negro” se apropria de algumas alegorias presentes em seu texto original. Desse modo, podemos perceber que a própria Odette apresenta semelhanças com Nina: um ser doce, encantador e suave, justificando a facilidade de Nina em interpretá-la.

Pode-se ver em ambas, então, a força do arquétipo materno em sua manifestação negativa. Uma manifestação que impede a filha de se libertar dos laços maternos e ganhar sua própria independência, buscando o seu espaço próprio no mundo e fortalecendo seu ego ao criar uma identidade própria e distinta da mãe. Tanto Odette como Nina permanecem presas aos cuidados, controle e nutrição de suas mães que, ao fazerem isso, impedem o desenvolvimento de suas filhas e a passagem delas para o universo adulto. (SILVEIRA, 2012, p. 52)

Nesse viés, esse trecho retrata a vida humana enquanto luta por reconhecimento e conflito social, que surge, por um lado, na influência social que se constrói com o convívio, que pode significar o refúgio familiar e o conviver solidário nos espaços públicos, mas, por outro lado, representa

o individualismo e o desgarramento social para dar maior importância aos interesses pessoais mesmo que isso signifique o isolamento humano. Na verdade, os processos de aprender com o outro implica a saída dos espaços familiares de proteção excessiva para o crescimento na esfera coletiva, caminhando com seus próprios pés. Os personagens sofrem assim como necessitam desse rompimento de dependência para que obtenham a liberdade e a construção de novos vínculos para o aprender evolutivo com base na interdependência formativa.

A metamorfose do aprender

Utilizar a linguagem simbólica⁴ é fundamental para a compreensão do ser, da cultura e de suas relações como forma de renovar as dimensões pedagógicas, ontológicas e psicológicas. De fato, através dela, é possível interpretar a experiência expressiva e comunicativa com a alteridade uma vez que os símbolos surgem como realidade visível que nos remetem ao invisível. As questões da produção e da transmissão do conhecimento estão fortemente ligadas às práticas culturais, à formação da identidade e ao vínculo intersubjetivo dos contextos sociais. O jogo entre a linguagem simbólica da inovação e as representações de um passado distante são retomadas por Lyotard (1993, p. 70) quando destaca:

A narrativa do Iluminismo, a dialética romântica ou especulativa e a narrativa marxista, embora secularizadas, usam a mesma historicidade que a Cristandade, porque mantêm o princípio escatológico. O fim da história, ainda que sempre adiado, restabelecerá uma relação plena e completa com a lei do Outro (capital zero), tal como esta relação havia sido no começo: a lei de Deus no paraíso cristão, a lei da Natureza nos direitos naturais sonhados por Rousseau, e a sociedade sem classes, anterior à família, à propriedade e ao Estado, imaginada por Engels.

Embora essa compreensão represente visões dialéticas do conflito humano (contraditório), que nos toca incondicionalmente através de símbolos (correlacionam conceitos e sensações), também expressa os nossos percalços e idealizações. O que é manifestado aos sentidos de forma imediata tem a capacidade de encurtar os caminhos e os percursos, mas o que nos permite ressignificar pela linguagem expressiva de mundos estabelece pontes que, de outras formas, permaneceriam absolutamente inacessíveis ao entendimento humano. Para Tillich (1985, p. 30), “toda arte cria símbolos para uma dimensão da realidade que não nos é acessível de outro modo. Um quadro ou uma poesia, por exemplo, revelam traços da

⁴ “Símbolo é o meio de acesso às realidades pessoais, misteriosas e inacessíveis a uma observação direta e imediata. [...] No símbolo, a pessoa se expressa. No símbolo, a pessoa é conhecida. [...] Toda a cultura é uma produção de símbolos através dos quais os homens se expressam, se comunicam e se trocam a riqueza interior”. (IGÍGORAS, 1983, p. 468).

realidade que não podem ser captados cientificamente”.

Em cada período histórico, surgem novos símbolos, novos sentidos e significados que são atribuídos aos já existentes, assim como as obras de arte podem ser (re)interpretadas a partir de diferentes olhares, conhecimentos e experiências subjetivas e culturais. Nessa concepção, temos inúmeros símbolos no decorrer do filme, que vão aludindo claramente a muitas questões, como a música de Tchaikovsky interligando todas as cenas e Nina representada no cartaz promocional com uma rachadura em seu rosto, simbolizando o rompimento de mundos (caótico *versus* cosmos), assemelhando-se à mudança de personalidade. A vida de Nina no apartamento de sua mãe Érica representa claramente a situação de caos em que ela se encontrava já que sua vida não condizia com sua realidade presente, mas muito mais com um passado opressor, caótico, povoado de assombrações e demônios.

Diante dessa atitude da mãe e da ausência de uma figura masculina que lhe desse a convivência com seu animus e a ajudasse a se libertar dessa invasão materna, Nina acabou não fortalecendo um ego que fosse capaz de libertá-la de tal controle na hora de ir para a vida adulta, e também fez com que sucumbisse à manifestação do inconsciente por não ter um ego forte que pudesse dialogar com as imagens vindas dele. Assim, Nina identificou como real ao invés de simbólica, muitas imagens e manifestações do inconsciente. (SILVEIRA, 2012, p. 40).

Assim como Nina, todo e qualquer sujeito que se encontra em um ambiente caótico, desorganizado, necessita reorganizá-lo em meio a expressões de diferentes mundos, transformando-os mais precisamente em “nosso mundo” (ELIADE, 1992, p. 21). Nessa acepção, pode-se constatar um processo de aprendizagem, de transição e ressignificação de mundo.

“Situarse” num lugar, organizá-lo, habitá-lo são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo a que se está pronto a assumir ao “criá-lo”. Ora, esse “Universo” é sempre a réplica do Universo exemplar criado e habitado pelos deuses: participa, portanto, da santidade da obra dos deuses. (ELIADE, 1992, p. 23).

Com isso, na metamorfose desse processo de aprender, passamos por mutações que nos parecem estranhas, que envolvem questões intelectuais, corporais, emocionais e sociais, tal como as manifestações graduais do cisne negro. “Afinal, as aves não têm a sua época de muda?” (LUZ, 2011, p. 187). Trata-se não apenas de um trocar de pele, de figurino, mas também de uma mudança de identidade, superando a dependência familiar, adquirindo liberdade e então se constituindo um cidadão do mundo (cosmos). Se compreendermos as asas como algo que dá liberdade ao pássaro, podemos

entender que Nina busca a liberdade, visando a novas relações e a superação da minoridade (do policiamento, da tutela).

Um território desconhecido, estrangeiro, desocupado (no sentido, muitas vezes, de desocupado pelos “nossos”) ainda faz parte da modalidade fluida e larvar do “Caos”. Ocupando-o e, sobretudo, instalando-se, o homem transforma o simbolicamente em Cosmos mediante uma repetição ritual da cosmogonia. (ELIADE, 1992, p. 22).

A força transformadora é retratada em forma de tatuagem, como sinal de que está assumindo sua vida, construindo seu próprio mundo, esforçando-se no projetar-se do aprender, como expressão do próprio cosmos. Para Duarte (2012, p. 9),

A tatuagem nas costas de Lilly são, de forma espelhada, dois ramos de Lírios (Lily, em inglês) e que, ao mesmo tempo, dão a impressão de duas asas, negras e abertas, tal quais as asas do personagem mítico e simbólico que a própria personagem assume, ou seja, o Cisne Negro. O Lírio é reencontrado no quarto da mãe de Nina, nos temas do papel de parede do apartamento e, por vezes, nos ramalhetes enviados a Nina pelo coreógrafo (Leroy), seus parabéns pela conquista, e naqueles levados ao hospital para a bailaria despojada (castrada), Beth, em condolências pela sua derrocada. Símbolo antigo, o lírio tem seu valor também organizado pela questão do espelho, da inversão e do paradoxo, pois insinua ao mesmo tempo a castidade e a brancura, quanto a sexualidade e fertilidade. Os opostos, mais uma vez, se encontram no mesmo objeto, fundamento do fenômeno simbólico, explicativo das pulsões conflitantes de vida e de morte oponentes e mescladas no mesmo sujeito.

Temas e personagens reais ou fantasiosos, durante todo o processo de busca pela construção de mundo, de passagens complicadas, se revelam na necessária morte do cisne branco para que o cisne negro surja. Em outras palavras, entra em questão a finitude humana (morte) para que a nova vida possa surgir como reinvenção, ineditismo e mudança. Igualmente, a sua luta para a emancipação e para o (re)conhecimento de si mesma em seu camarim representa o colapso da fronteira psicológica que separa as suas identidades (cisne branco e negro). Ao quebrar o espelho (sua própria representação), Nina se torna absolutamente o cisne negro, libertando sua personalidade adulta e rompendo com os medos, as máscaras e os condicionamentos familiares e históricos. Na dança que é algo suave, que expressa sentimentos, emoções, sensações vemos o rito da renovação da vida que instaura o ápice de toda a trama. Essa transição é mais que delicada, pois no centro do palco, o cisne negro mostra-se imponente, sensual, seguro, enquanto o

cisne branco frágil, destruído, de maneira que no ato final, no desenlace, revela-se a implantação do cosmos. A troca de experiências e conhecimentos surge por meio do rito de liberdade. Movido assim, o cisne branco, e tudo o que ele representava, cai do alto, retratando a sua morte e a obtenção da perfeição que tanto se desejava alcançar.

É notório que, na linguagem simbólica da relação eu-mundo, se constroem visões pautadas pelo imaginário do conforto na medida em que se manifesta o culto ao caos como estilo de vida, levando a vida para o terreno da mediocridade e da falta de sensibilidade no tocante ao reconhecimento do outro e às formas de expressão. Nessa lógica metamórfica de construção, vemos a educação como elemento imprescindível, uma vez que a metamorfose do aprender consiste em transformação de si com o outro. Para Assman (2000, p. 7), é notório que

A espécie humana alcançou hoje uma fase evolutiva inédita na qual os aspectos cognitivo e relacional da convivialidade humana se metamorfoseiam com rapidez nunca antes experimentada. Isso se deve em parte à função mediadora, quase onipresente, dessas novas tecnologias. Junto às oportunidades enormes de incremento da sociabilidade humana, surgem também novos riscos de discriminação e desumanização.

Hoje uma gama de elementos sociais nos leva e nos impulsiona ao amadurecimento de nossas identidades com os outros. Portanto, através da educação, podemos visar à emancipação coletiva, realizando o processo de passagem do mundo caótico para o cosmos no sentido de promover aprendizagens cooperativas e interculturais. Como na obra do “Cisne negro”, no processo de autonomia e descoberta de Nina, somos nós questionados a respeito de nosso esforço à emancipação. Por isso, é notável a importância da educação em nossa sociedade, uma vez que ela é um potencial emancipador ativo e comunicativo. Ambrosini (2012, p. 388) afirma que,

Pensar a educação como formadora do ser humano, tanto no âmbito do conhecimento quanto da ética, implica também no reconhecimento da finitude humana, no seu condicionamento e inacabamento. A partir da constatação de que o ser humano está historicamente em construção, pode-se dizer que ele é um projeto inacabado, e este seu inacabamento reforça sua não conformação com determinado condicionamento histórico.

O que Assman (2000) conceitua como metamorfose do aprender, vemos que é um processo espiral de nossa construção identitária, que lança luz e sustenta uma educação crítica e questionadora dos problemas vitais. Ao traçar uma passagem ou um campo de forças do senso comum (ingênuo e fragmentado do mecanicismo e das velocidades infinitas da realidade virtual)

ao conhecimento filosófico (complexo do dinamismo crítico-reflexivo), também podemos realizar o confronto de um contexto caótico para o cosmos, como um conjunto complexo de conexões horizontais, de relações e integrações de aprendizagens evolutivas e diferenciadas. Isso certamente não é um percurso fácil já que requer o enfrentamento das confusões e tensões que habitam os processos de (re)conhecer, além de muito trabalho, esforço, dedicação e persistência dos sujeitos para não recaírem no caos.

Considerações finais

Em uma análise profunda, entendemos que o cisne é símbolo da metamorfose do aprender na dinâmica da vida, repleta de fragilidades e limitações, mas simultaneamente de audácia, desejo e de vontade de saber que na própria limitação e inacabamento - algo estimulante está presente. Desde Odette até Nina, tem-se a característica da interdependência com o vínculo materno que pode aniquilar os processos de liberdade e até mesmo corromper a tomada de posição e autonomia. No cisne dependente, há uma acomodação, uma despretensão por si mesmo, conformação essa que permanece na infância (*in fans* - sem fala), etapa da vida que somos tutoriados e subordinados ao outro. Podemos viver eternamente sob a égide do conhecimento familiar. Todavia, a vida clama por autonomia e torna-se necessário ir além desses vínculos autoexplicativos para que, com independência e estabelecendo a comunicação com o outro, possamos aprender (com o diferente) e construir metamorfoses em meio a situações caóticas como um processo de autoestima, de autoconfiança e de renovação das próprias aprendizagens no (re)conhecimento do outro.

Referências

- AMBROSINI, T. F. Educação e emancipação humana: uma fundamentação filosófica. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 47, p. 378-391, set. 2012. Disponível em: < <http://ojs.fe.unicamp.br/ged/histedbr/article/view/4227/3431> > Acesso em: 08 jun. 2016.
- ASSMAN, H. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a02v29n2.pdf>> Acesso em: 08 jun. 2016.
- CARVALHO, P. A. A metamorfose do cisne: do ciclo da “noiva animal” ao mito duplo. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**, Minas Gerais, n. 2, p. 1-15, 2012. Disponível em <<http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/A-METAMORFOSE-DO-CISNE.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2015.
- DUARTE, M. Cisne Negro – Psicanálise, Cinema, Mito e Semiótica. In: V Congresso de Psicologia UNIFIL. **Anais...** Londrina, 2012. Disponível em < http://www.academia.edu/9050806/CISNE_NEGRO_PSICAN%C3%81LISE_CINEMA_MITO_E_SEMI%C3%93TICA> Acesso em: 22 set. 2015.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HABERMAS, J. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

IGÍGORAS, J. L. **Vocabulário teológico para a América Latina**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

LUZ, A. M. O. "Cisne Negro": quando eu é um outro. **Caderno de Psicanálise - CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 25, p. 178-190, 2011. Disponível em <http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/caderno25_pdf/14_CP_25_CISNE_NEGRO.pdf> Acesso em: 22 set. 2015.

LYOTARD, J. F. Uma Fábula Pós-Moderna. **Cadernos de Sociologia: A Modernidade**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

PESSOA, F. **Livro do Desassossego**. Lisboa: Ática, 1982.

PORTUGAL, D. B.; SALGADO, J.; BECCARI, M. Um cisne, duas forças: sobre apolíneo e dionísio na ética do consumo. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 17-31, 2014. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v26n1/03.pdf>> Acesso em: 24 set. 2015.

SILVEIRA, R. S. **O Cisne Negro e sua história de origem**. Monografia (Pós-Graduação em Psicologia Junguiana) - Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<http://www.philemonconsult.com.br/artigos/ocisnenegro.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2015.

TILLICH, P. **Dinâmica da fé**. 3. ed. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Sinodal, 1985.

VANOYE, F.; GOLLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.